



NÚMERO DEZ

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: Santos Arranha * Editor: Alexandre de Assis * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: Imprensa Beza — R. da Rosa, 99 a 107
Redacção e Administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Telefone: Trindade 339

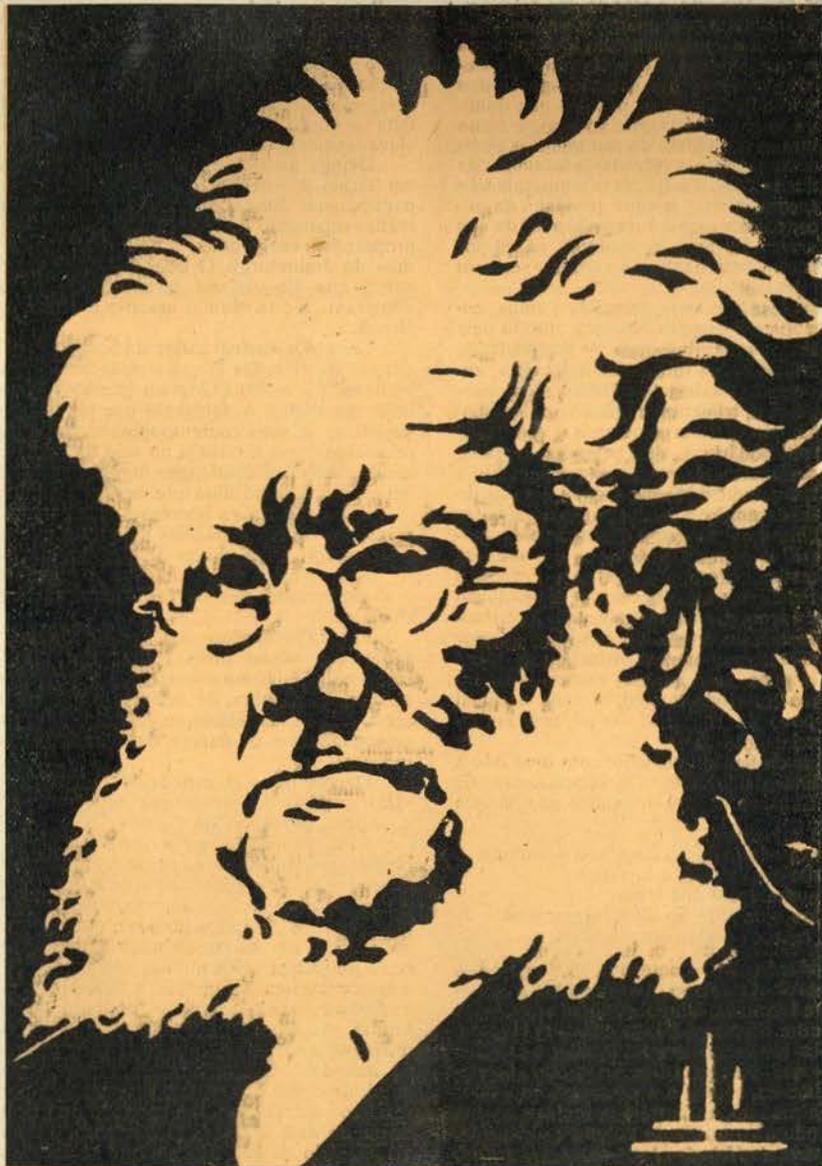
SUMARIO do numero anterior:

E o testamento de Adão? por *Rocha Martins*, (com gravura).
— **O elogio das touradas**, (com gravuras). — **Amola facas e tesouras!**... (com gravuras) — **Ideologia**, por *Ferreira de Castro*. — **Um pintor indiano**: Exposição *A Piedade Cruz*. — **A ironia da abundância**, (com gravuras). — **As pirâmides do Egito**. — **Vozes do Carcere**, versos de *Bento Faria*, com ilustrações de *Rocha Vieira*. — **O nú artístico e o nú obscuro**, por *Ferreira de Castro*, (com gravuras) — **A sinfonia do Outono**, (com gravuras). — **O mundo curioso**, (com gravuras). — **Actualidades**: O edificio proprio do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa; Uma manifestação contra o governo da America do Norte; A visita á Russia do delegado da Associação dos Professores de Portugal. — **Capa**: desenho de *Rocha Vieira*.

Ano I — Numero 10

Lisboa, 15 de Novembro de 1925

Renovação



O grande IBSEN

HENRIK IBSEN

A FILOSOFIA E O ALCANCE SOCIAL DA SUA OBRA

Na costa norueguesa em Skien, na rocha àrida em que assenta a povoação que olha o mar, sobranceira e severa, nasceu Henrik Ibsen, grande entre os maiores dramaturgos de todos os tempos.

Na abundância comercial paterna, perdulariamente atirada às mãos cheias, sem conta, no contraste com a rigidez germânica de sua mãe, bruxoleou a princípio, como lâmpada que ensaia a luz que ha de alagar o ambiente, deixando ver retintamente o recorte das coisas e o sentimento da vida íntima desencantada, irrompeu sua existência magnífica que em sessenta e oito anos de trajetória espantaria o mundo com a criação imortal dos seus dramas, com o fogo intenso das paixões que dominam os homens, e, como um azorrague ao erro, e como um estigma à mentira, o grandioso do seu génio imperecível tinha de ficar para sempre a recordar à humanidade o verdadeiro sentido da vida. Taciturno o temperamento de Ibsen, jogava perfeitamente, porque provinha da mirada dos seus olhos, com a agrestia da paisagem da sua terra-berço, onde, como ele próprio confessa, se via por toda a parte o casario, sem nenhuma verdura, sem um horizonte livre!

A orfandade de dezasete anos, sucedida à ruína, ensombrou ainda mais esse espírito bisonho, atirado pela necessidade da vida para as margens de Skager-Rack, para a quietude fria dos seus oitocentos habitantes, entremeando, no laboratório modesto de Grimstad, os produtos farmacêuticos com os versos ingénuos e despreocupados. Só em 1653, isto é, trinta anos após o seu nascimento, aparecem publicadas as suas primeiras poesias.

É o frémito revolucionário da época que sacudiu a a Europa nos seus fundamentos, que sacode o autor do *Brand*. A Scandínavia extrema e a Noruega são dominadas por um arranco de libertação do jugo dinamarquês, prestes a submetê-las. É o som da Revolução, é a alma da Revolta que atravessa inexorável e forte, a França, a Alemanha, a Austria, toda a Europa central. A revolução francesa tornara-se ideologicamente universal. Ibsen começa a abrir os olhos e, no dizer dum seu biógrafo, por esse fenómeno, freqüente na natureza ardente que torna rapidamente as ideias em sentimentos) emocionava-se, incendeia-se perante o grito de Petefi, o poeta nacional húngaro: De pé, povo da Hungria! De pé, pela tua independência!

Ibsen acode à exclamação veemente com uma ode à liberdade. A *Catilina* de Sallusto e as *Catilinarias* de Cicero inspiram a *Catilina*, debate dramático que os seus 21 anos produziram:

Eu sou o homem cujo coração bate pela liberdade
O inimigo declarado de toda a injustiça
O amigo dos oprimidos e dos fracos
O homem enfim, que arde no desejo insaciável
De deitar por terra os poderosos de hoje.

Na Universidade de Cristiania, onde entra em 1850, satiriza numa revista literária os *Homens da Ordem*, os prudentes conservadores do tempo. A companhia e das melhores, Björnstjerne Björnson, Vinge e Botten Hansen. Lê poetas com atenção, Shakespeare, Schiller e Goethe; com avidez os filósofos Kerkergaard e Kant. Mas, as tristes circunstâncias da sua vida, a aproximação do amor que lhe trazia o matrimónio, abre um parentesco na sua existência e, passando pelo teatro de Bergen e Cristiania, escreve dramas patrióticos como *Dano-Auger il Oestråat*, *Fête à Solhang*, *Guerriers de Helgeland* e *Prétendants à la Couronne*. A sua obra é uma hossana à lenda e à tradição norueguesas.

É de 1863 que data a reacção filosófica do dramaturgo, que na *Comédia do amor* regressa aos seus processos de crítica a convenções sociais. Nesta peça salienta-se o antagonismo que reina na sociedade entre a reali-

dade e o ideal, no domínio do amor e do casamento. «O amor e o casamento burgueses são baseados na mentira e na decadência moral e intelectual da personalidade.» Esta mesma tese é defendida na *Casa da boneca*.

No drama em cinco actos *Brand*, confessa Ibsen que fez sómente uma obra de arte, uma obra de imaginação em que são versadas as ideias que nêle haviam já amadurecido.

O escritor da forma aos seus pensamentos tumultuosos, imprimindo unidade à sua obra. O pastor Brand não é um caracter filosófico ou metafísico. A sua única afirmação reside no anátema: «Conheço-vos bem, almas debeis, espiritos inertes. A todos os vossos Padre-Nossos falta o sopro ardente da vontade, o frémito ansioso que eleva os cânticos ao Céu».

Depois de Brand, Ibsen escreve na Itália meridional, em Ischia e Sorrente, o *Peer Gynt* que Grieg aproveitou para as suas duas conhecidas suites. É um poema dramático repassado de fervor íntimo, evocativo, familiar. Em proporções exageradas, a figura de Aase é modelada na mão do dramaturgo. O *Peer Gynt* seduziu de tal modo o autor, que êle verbera escandalizado, os críticos que o atingiram. Nesta obra o assunto é a tese opõem-se à de Brand.

Com «Os sustentáculos da Sociedade» Ibsen entra no ciclo combativo das forças convencionais que oprimem os homens. Ele o diz: «Querem guerra? Tê-la-ão. Serei de hoje em diante o fotógrafo que faz pôsar diante da sua objectiva, os seus contemporâneos, um a um. Não deixarei escapar nem a criança no seio da mãe nem um pensamento, nem uma intenção fugitiva, sempre que me ache em presença duma alma que mereça a minha observação».

Ibsen arranca os homens à vida e tráz-os para a scena, revestidos de circunstâncias anteriores que os determinam e fazem agir. Para mudar de método, não muda de ideias.

Nesta peça a moral cinge-se ao princípio: A liberdade e a sinceridade são os verdadeiros sustentáculos da sociedade.

Em 1879 aparece a *Casa da boneca*, conhecida de sobejo no nosso meio teatral. Em 1881, *Os espectros*. Ibsen não hesita em afirmar que a sua individualidade se afastou, nesta obra, da orientação que ella tomara. Ha-de ser a própria multidão que sentirá o peso do caracter das personagens e a dureza das circunstâncias em que se movem.

Depois de «Os espectros», em 1882, surge o drama «Um inimigo do povo» que vai agora ser representado no Apolo, por Alves da Cunha.

Seria ocioso reeditar o que sobre êle disse já no «Suplemento». Menciono, sómente a influência que Proudhon teve na sua tese afirmando que o que transforma o indivíduo, desde o seu nascimento, não cessando de o tornar pior, são os próprios homens, que aglomerando-se, renunciaram à sua expansão natural, detendo-se na sua corrente de justiça pelas mútuas concessões de que necessita a vida em comum. De 1884 a 1886 aparece *O pato bravo* e *Rosmersholm*. Assenta o primeiro no dizer de Ossip-Lourié, na obra *La Philosophie social dans le théâtre d'Ibsen*, na tese de que vale mais destruir a felicidade do que deixá-la subsistir sobre uma mentira». Rosmersholm, desorienta os críticos Ibsenianos a ponto de atribuírem ao dramaturgo um período de pessimismo. Em *A dama do mar* e *Heida Gähler* entra o dramaturgo no ciclo literário da sua vida em que se debate a opposição do ideal e da realidade no amor.

A expressão máxima do caracter diabólico reside no protagonista desta peça. É a força e a febre dominadora feminina que atravessam virilmente a obra, num poder de opressão amorosa verdadeiramente notável.

Ha por outro lado o império do instinto, brutal, decisivo. De posse já das suas faculdades criadoras, Ibsen

produz *Solness, o Construtor*, drama soberbo de técnica, em que se glorifica o poder individual no trabalho, a força indestrutível da vontade.

O pequeno *Eyolf* escrito em 1894, vem contradizer afirmações do pessoalismo do dramaturgo porque a ideia basilar apoia-se na supremacia do altruismo sobre o individualismo.

A última peça de Ibsen é essa extraordinária composição dramática a que Prozor, o grande tradutor do seu teatro, deu o título «*Quand nous réveillerons d'entre les morts*» e que foi escrita em 1899.

É uma das mais estupendas criações do dramaturgo. Em sua volta ferverham as discussões mais apaixonadas. O publicista Édouard Rod, comenta: «O drama último de Ibsen é talvez uma obra única digna de enfileirar ao lado das maiores e sobre a qual incidirá a sagacidade dos comentadores o tempo que a civilização durar.»

O problema da vida e do trabalho é duramente posto em paralelo, sucedendo-lhe a eterna duvida. *A vida antes de tudo?* ou a consagração do trabalho, da realização da nossa obra sem a preocupação da vida que estremece em volta de nós?

Em 23 de Maio de 1906 morreu Ibsen, à uma hora e meia da tarde, com 78 anos, 2 meses e 3 dias. Não foram os funerais nacionais que a Noruega lhe consagrou que tornaram imortal o seu nome e a sua obra extraordinária. O Teatro Real de Christiania, na véspera da cerimô-

nia fúnebre, deu uma representação extraordinária dos *Espectros*. Antes que o pano se levantasse a orquestra executou a *Morte de Ase*, de Grieg.

Mais que todas as consagrações oficiais, vale o rasto imortal que o génio deixou através do mundo culto. É impossível aquilatar do valor do teatro ibseniano pelo simples conhecimento duma das suas peças. Impõe-se considerar blocamente a sua obra, que é um organismo social, uma verdadeira filosofia. Assim se exprime um dos seus cronistas. Não é a especulação abstracta, não é a filosofia construída, é a filosofia vivida. Ibsen é, antes de tudo artista, poeta e dramaturgo.

Mas, o artista é o puro artista, o poeta é exclusivamente poeta, incapaz de analisar o mundo que pinta; os seus pensamentos, a sua filosofia, são quasi um ser quimérico. As ideias que se desenvolvem nas suas peças demarcam-se assim: a parte negativa: *a sociedade actual*, a parte positiva: *a sociedade nova*.

A obra monumental de Ibsen enquadra-se nestas suas palavras formidáveis:

Os homens não querem senão revoluções especiais e localizadas, revoluções exteriores e politicas. Charlatanismo! O que é preciso realizar, a todo o custo, é a revolução do espirito humano!

Nogueira de Brito

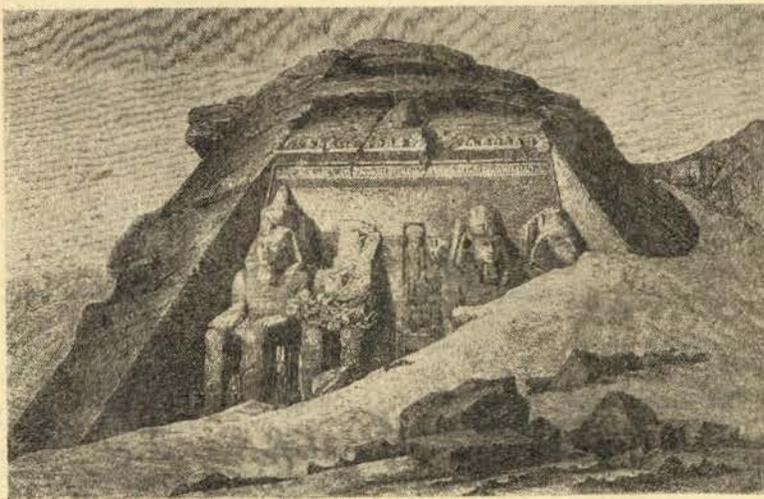
O EGITO E A SUA ARTE

O misterio, a imponencia e grandeza das proporções, tais são as características da civilização e arte do vale do Nilo

O extenso e ubérrimo vale do Nilo encerra em si uma das mais antigas e típicas civilizações que pode ser observada nos monumentos grandiosos levantados há centenas de séculos e que o tempo não conseguiu demolir.

A arte egípcia assombra pela imponencia mas é triste como o motivo que a guiava — a morte.

A grande piramide é o mais gigantesco de todos os monumentos do Egito e no entanto é um tumulo apenas.



Templo de Abu-Simbel

É como uma estupenda montanha de pedra de 150 metros de altura, construída pela mão do homem em tempos em que as mais rudimentares regras de mecânica eram desconhecidas. Eleva-se hoje em pleno deserto a desafiar os ceus e o tempo. A alguns metros do solo abre-se uma pequenina porta dando acesso a um longo corredor, escuro e estreito. Só de joelhos se pode entrar, tão pequena é a porta. No interior, o ar é pesado e asfixiante. Parece que a montanha pesa sobre nós e nos esmaga. A meio do corredor abre-se um poço negro a que só ultimamente alguns exploradores inglezes teem conseguido descer. Passado o poço entra-se finalmente numa vasta sala de paredes lisas e estucadas. É a *Camara do Rei*. E' ali que repousa, ao abrigo da curiosidade dos homens, o corpo do soberano que há milhares de anos mandou levantar aquele ciclopic monumento.

A poucos metros deste edificio encontra-se a *Esfinge*, um animal fantastico com corpo de leão e cabeça de mulher. Era uma deusa? Ignora-se.

Deitada como está, a figura ergue a cabeça 25 metros acima da base. É talhada numa imensa rocha natural que naquele ponto emerge da areia que a cerca de todos os lados. A impressão que se sente à vista da *Esfinge* é profunda. Na eterna imobilida-

de do colosso, no olhar estranho e fixo das suas pupilas de pedra há qualquer cousa de misterioso a penetrar-nos a alma.

Que faz ali? A Esfinge guarda ciosamente o seu segredo.

Tudo faz supor que o corpo do monstro é perfurado por um corredor que conduz a um tumulo onde provavelmente repousa há cinco ou seis mil anos a múmia dum Faraó.

A grandeza triste e o misterio que ressuma deste monumento dão-nos a impressão de que estamos em face dum problema insolúvel, dum segredo inviolável.

Apesar dos estragos que o tempo tem causado na figura impõe-se-nos a extranha expressão daquela fisionomia. O olhar ligeiramente inclinado para cima, como que a fixar um objecto que não é da terra, invisível aos homens que rastejam no misero planeta, os labios entreabertos num sorriso de ironia e de desdem, tudo isto nos impressiona profundamente.

Depois o templo de Luqsor, de proporções maciças

e pesadas. Como a grande piramide, tem uma só abertura e essa mesma pequena.

E subindo rio acima a cada passo se nos deparam monumentos colossais que surpreendem pela sua grandeza e solidez.

Eis Thebas, a antiga cidade das cem portas, outróra capital do Imperio, e de quem hoje se admiram as ruínas.

Aquí parou Desaix, general de Bonaparte, e apesar das grandes privações e perigos sofridos pelos seus soldados, todos ficaram boquiabertos e comovidos á vista das ruínas maravilhosas, prorompendo depois em aplausos atrevidos como se aqueles famosos despojos fossem o objecto da sua incursão através do Nilo.

E' bela a arte egicia pela sua imponente grandeza, mas é uma beleza sepulcral de solenidade funebre. A sua religião é sombria e severa. A sua arte é-o também.

No gótico cristão da meia idade ha vida, ha esperança, ha deslumbramento, pelo arrojado da concepção, pelo florido e delicado dos ornamentos.

E' outra arte bem diferente.

Como vivem e morrem os elefantes

O contraste é o aspecto mais suggestivo que se surpreende nas criações da Natureza. E' o seu grande misterio que os homens todos os dias procuram adivinhar. Numa enorme e maciça corpulencia se pode encontrar frequentemente requintes delicados, e uma força ameaçadora se pode determinar por uma docilidade infantil.

O elefante, por exemplo, é a maxima exteriorização do peso esmagador, das ameaças terribes, da brutalidade infinita — mas a realidade desfaz a sugestão... Com os seus olhinhos estupidos, as suas orelhas que parecem colchas, as suas patas que deveriam abalar o solo, e, sobretudo, a sua dilatada e assustadora tromba, o elefante é, afinal, o mais docil e o mais prazenteiro animal do mundo. Ele conduz o homem, preso na tromba colossal, sem o molestar, coloca-o debaixo de si e senta-se sem o esmagar, e presta-se a serviços domesticos de condução sem quebrar um instante a placidez... Vivem longos e tranquilos anos na India, no Cameroun, no Ceilão, por todas as selvas misteriosas do Oriente. E os mais selvagens não deixam de oferecer essa docilidade que parece ser a sua característica; os mais corpulentos revelam a maior sensibilidade, bastando uma ligeira picada para os magoar; e para os domar são desnecessarios castigos, mas um tratamento afavel e carinhoso.

O mais notavel, porém, é o medo à morte que os elefantes manifestam. Submetem-se a toda a classe de operações cirurgicas, aceitam docilmente todo o medicamento que lhes seja dado para recuperar ou conservar a saude. Aterrorizam-se sob as trovoadas, fogem espavoridos diante do homem e tremem — ainda que pareça inverosimil — diante de um minuscúlo gato...

A crueldade do europeu contrasta singu-

larmente com a paquidermica sensibilidade. A caça ao elefante poderia fazer-se com recursos brandos, como o da cilada em plena floresta; mas o civilizado gosta do sangue, força a aventura com artificios de maldade. Abater um pacifico elefante equivale ao prazer de fugir diante de um rifenho...

Na primavera, quando a floresta se torna mais impenetravel, o momento é aziago para a batida ao elefante. Julgando-se defendidos pelas altas folhas, o corpulento animal, descendo das grandes montanhas, vem passar tranquilamente a existencia nos pontos onde a vegetação se oferece mais exuberante. As administrações coloniais europeias distribuem prodigamente espingardas e cartuchos para aniquilar o animal que, ao passar, devasta em grande parte as culturas. O traço que ele vai fazendo nas plantas, como se preparasse uma estrada, serve aos europeus para seguir-lhe a pista, armados de uma maquina fotografica e de uma espingarda carregada. As expedições são, quasi sempre, movimentadas, porque um unico tiro de espingarda, às vezes, um berro soltado de perto, faz debandar, em correria louca, grandes manadas de elefantes.

A subtilisa é o que mais se recomenda na caça ao tímido paquiderme. Os caçadores fazem longas marchas ao longo das florestas, acampam aquí e acolá, alimentam-se frugalmente — como se se tratasse de uma expedição guerreira. As elevações do terreno são escolhidas, como pontos estrategicos, para inculcar o «inimigo»... O inimigo, que surge subitamente, acompanhado da sua prole, avançando descuidadamente... A sua marcha é determinada pelo vento, porque o interessante animal observa e segue sempre o ruído que fazem as folhas batidas. Como se o preocupassem as medidas de

higiene, o elefante afasta as folhas caídas, faz uma clareira no centro da floresta e, só depois, assenta o seu pesado corpo, aspergindo-se nas costas e no ventre com a terra húmida que ele levanta de junto das raízes. Sem abandonar a sua calma, sacode de si e até das árvores as moscas, os mosquitos, todos os parasitas que incomodam; parece dar-lhe grande prazer esta longa operação de saneamento.

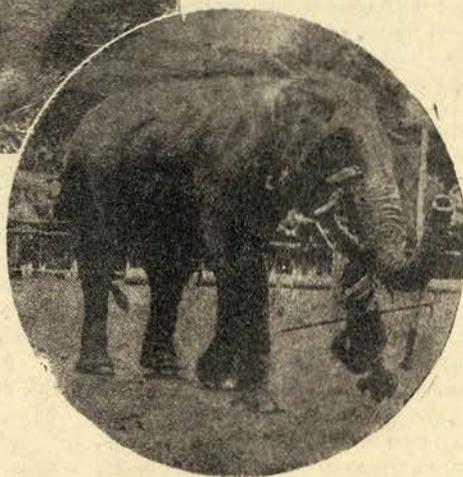
O caçador, entretanto, avança cautelosamente, empunhando a sua máquina fotografica. A objectiva visa aquela família de gigantes em descanso, que parece gosar a digestão de um fornido jantar; os pequenos elefantes brincam com a cauda e com a tromba, entreteem-se a destruir folhas; e nem um único ruído perturba aquela paz religiosa nem a modorra do grande elefante, do progenitor dos pequenos seres que o rodeiam.

O ruído insolito da objectiva, fixando os *clichés*, faz erguer a enorme tromba do paquiderme semi-adormecido. Ao surpreender o caçador, ergue-se rapidamente, alvoroçando toda a prole. Como se quizesse reconhecer o estranho visitante daquela floresta, ele avança lentamente, sem deixar de o fitar, sem manifestar a menor colera. O caçador vem recuando e, perdendo o sangue-frio, supondo-se seriamente ameaçado, enclavinha a espingarda e dispara... A enorme massa cinzenta cai com todo o seu peso e fica imóvel, apenas os olhos minúsculos fixam tristemente o estrangeiro, como a acusá-lo de uma morte inútil.

A detonação alarmára a floresta. Ouvem-se grunhidos terríveis, sentem-se estalar ramagens



Fazendo-se conduzir, de cabeça para baixo, preso à boca do elefante — O animal morto a tiro.



e dezenas de elefantes desfilam vertiginosamente diante do caçador, quasi sucumbido, e desaparecem logo, no âmago da floresta. A paz voltou...

E os elefantes prosseguiram na sua existência pacífica, vivendo em famílias constituídas sem o conhecimento dos oficiais do Registo Civil nem a bênção do prior que administra a freguesia. E como cidadãos de uma republica, os dóceis paquidermes continuam sob a ameaça de um tiro, disparado sem aviso prévio, ou arriscados a cair numa cilada tão traiçoeira como o sufrágio eleitoral...

Dos elefantes, desses animais gigantes e feios, contam-se histórias interessantes que constituem ensinamentos encantadores de beleza de carácter e de bondade simples.

Como o relato dessas histórias, em volume, seria mais útil e mais salutar para a infância que toda essa caterva de contos para crianças que as nossas literatelas parturejam!

Só é digna de interesse a história dos povos livres; a história dos povos submetidos ao despotismo não é senão um conjunto de anedotas.

CHAMFORT

A CAMINHO DO DEGREGDO

E AS RESPONSABILIDADES DA SOCIEDADE

Ha palavras que todos os dias os nossos olhos leem, que a todas as horas os nossos lábios pronunciam, sem que todavia o cérebro e a alma lhes sintam a enorme profundidade.

Quem já meditou devéras sôbre o trágico significado da palavra *degredo*? Quem pensou já, longamente, profundamente, sôbre esse destino inexoravel que oculta a palavra *degredado*?

A mim esses dois vocabulos irmãos, conseqüentes, causam sempre uma disposição de nervos, uma angústia funda, sufocante.

Da mesma maneira que é voluptuoso ao meu espírito o ritmo das palavras *liberdade*, *melancolia*, *nostalgia*, *distância* e tantas outras, é-me também doloroso esse mudo estarecimento que ha nas palavras *degredo*, *cárcere* e outras mais que povoam os dicionários.

A palavra *degredo*, então, sempre que a leio, tem o efeito dêsse bolões que nas casas antigas abriam portas occultas: — abre perante meus olhos um quadro extranho, de côres sinistras, quadro animado, onde os personagens soluçam e gritam e se contorcem; mães, filhos, irmãos, pais velhinhos e tropegos; o negreiro que ha-de conduzir os *degredados* e o mar bramindo anátemas intraduzíveis.

Quando li, encostado ao primeiro marco da minha adolescência — recordo-o tristemente, sinceramente — esse pueril drama de Camilo que é *O Amor de Perdição*, a scena que mais me impressionou, que nublou de lágrimas meus olhos, foi aquela em que o protagonista tem apenas por destino o *degredo* e por perspectiva esse barco que o ha-de levar e que se baloiça, indiferente à dôr, sôbre as águas mansas do Douro.

E quando ha dez anos, minha vida difícil e agitada me levou por várias vezes às enseadas da Guiana Francesa, eu quedava-me largo tempo a seguir angústiosamente tôdos os gestos dos *degredados* — os gestos de tôdos os que a França envia periodicamente para aquêlê sepulcro de vivos.

Eu ignorava seus delitos, desconhecia o ritmo de seus corações — e contudo para êles ia tôda a minha ternura, porque eu também era um exilado, emigrante desprotegido que a vida fazia rolar entre todos os seus cotovelos. Ia para êles tôda a minha ternura, porque eu abrigava-me também sob o mesmo sol da proscricção e porque êles, ali, na Caiena ou em Saint George, perante o Atlantico ou à margem do Oyapock, espriavam crimes muitas vezes fomentados pela própria sociedade ou por instintos ancestrais, que essa sociedade nunca se preocupara em corrigir pela educação.

E assim, dêsde esse tempo já longínquo em minha curta vida, a palavra *degredo*, sempre que a leio, revela-me tôdo o seu sinistro significado e causa-me uma profunda sensação de horror!

E por isso, quando ha dias os jornais noticiáram que uma nova leva de presos ia para a Africa distante, minha alma ficou atônita e logo, angustiada ao interceptar essa dôr que se exala da alma dos *degredados*.

Via-os distintamente, mesmo antes dos jornais descreverem seu embarque, a trilharem o pó da noite, entre azinhagas e vielas, desde o forte ao cais donde êles deviam partir para o *degredo*.

Via-os com esse mesmo passo e sob essa mesma fe-roz vigilância com que outrora os escravos marchavam através das selvas africanas para o negreiro que os havia de levar a outros continentes — a mercados longínquos onde a sua carne fosse leiloada.

Um passo fóra da linha marcada para a sinistra marcha, um anseio de liberdade simplesmente esboçado e logo no silêncio augusto da noite soaria um tiro — e um corpo tombaria, ferido, assassinado.

Eles, porém, marchariam sempre, através da madrugada em expectativa, marchariam no mais trágico de tôdos os exodos — oh! palavra sufocante mas sim mais humana do que a palavra *degredo*! — marchariam até ao porão negro dêsse navio que os levaria para a Africa como animais — e quem sabe se para sempre, para sempre!

E no cais, na cidade, em qualquer casa humilde de Lisboa ou da provincia, uma mãe, muitas mães, decerto chorariam sob as garras dum desengano interminavel, enquanto a sociedade, em nome da qual aqueles homens eram *degredados*, dormia tranquilamente, e nos sombrios arquivos do Estado os manuscritos das leis que ordenaram o *degredo*, eram devoradas em silêncio por traças e ratos famintos.

À noite, quando li os jornais, verifiquei que o embarque e a caminhada dêsde o forte ao cais decorreram como eu os idealizara e mais sinistros talvez. E se não estava nos jornais bem marcada a nota da tragédia, era porque os *reporters*, anciosos pelo *facto* exterior, pelo episódio, pelo acontecimento, se esqueceram de sondar o estarecimento das almas *degredadas* e das que ficavam e que áquelas estavam unidas por vínculos de ternura e de amor. E êles próprios, os que partiam, em homenagem ao seu orgulho de homens, occultavam com tenacidade a sua dôr íntima, adaptando ao rosto uma mascara de riso e de desdém.

Eram 365! E também entre êles iam algumas dezenas de mulheres — mulheres cujo coração fóra desviado da sua rota, quem sabe lá porque fatídicas pressões!

Um dos *degredados* — informaram-me mais tarde — tinha apenas 17 anos. Um dia, a miséria, na sua aldeia natjva, atirára-o para Lisboa. Aqui procurára trabalho mas negaram-lho. Não tinha conhecidos — não tinha um tecto, não tinha pão. Foi, então, vagabundo. O que resta a um homem que não tem trabalho, que não tem onde dormir, que não tem onde comer?

Os bancos da Avenida foram seu leito, e sua obsessão as montras dos *restaurants*.

E um dia a policia, para entreter umas horas de ocio, prendeu-o e a justiça encerrou-o durante um ano no forte de Monsanto.

Seguiu agora com a leva. E' um dos 365. E' um dos

que ha-de alimentar um dia do degredo, durante esse ano cujos 365 dias a policia e a justiça quizeram agora abastecer.

A irmã, vindo para Lisbôa quando êle já estava preso, quis levar-lhe o abraço fraterno na hora última da partida. Essa pobre mulher implorou com lágrimas esse instante, implorou com tantas lágrimas que conseguiu demover o coração frio dos que vigiavam dêsde Monsanto ao cais, o trágico rebanho.

A fotografia que acompanha este artigo, essa fotografia tirada já a bordo e na qual a irmã beija o degredado que talvez ela nunca mais volte a contemplar, é um quadro emocionante, doloroso, desde que se conheça seu verdadeiro sentido.

Tresentos e sessenta e cinco degredados! Feliz esse ano voraz do degredo que tem uma vítima para cada um dos seus dias!

Dir-me-ão: — esses homens são criminosos!

Não o ignoro. Mas quantos não irão nas condições desse rapaz que não tinha pão, que não tinha tecto e a quem negaram trabalho quando êle quis trabalhar?

E aos outros quem lhes lecionou o crime?

Um monstro sómente: — a sociedade.

Quando êles tiveram fome e ofereciam seus braços às portas das oficinas, essas portas eram-lhes cerradas inexoravelmente.

Quando êles se deixavam dominar por instintos ferozes, tão ferozes como o meio em que viviam, não encontravam a anestesiá-los elementos de educação e elucidação.

Para que fossem mais passivos, para que se sujeitassem melhor à expoliação, a sociedade deixou-lhes latentes seus impulsos primitivos.

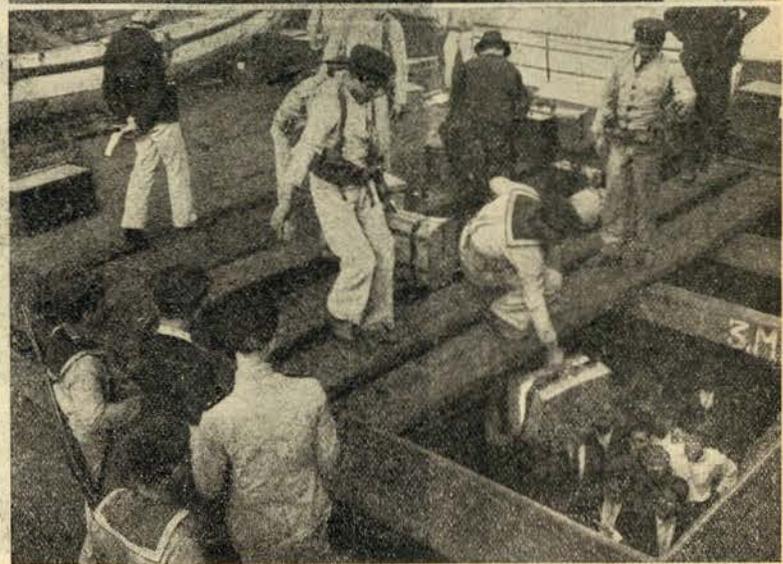
Enquanto trabalhavam, a sociedade explorava-os, mas alheando-se sempre de educá-los, de lhes abrir no espírito novas janelas, por onde pudesse entrar um sol sadio — esse sol da razão que aviva as celulas de tôdos os sentimentos bons.

Debalde aumenta constantemente a bibliografia da criminalologia, debalde sábios pacientes e pertinazes teem estudado e indicado os meios de diminuir o crime; debalde, porque a sociedade, mau grado possuir já nesse campo vastíssimos elementos, vive preocupada apenas em expoliar a carne dos sacrificados, em quanto êstes não se tresloucam, candidatando-se ao degredo.

E quantas vezes, quantas! os bons sentimentos são

adulterados pela própria organização social, egoísta, inhumana; organização que leva o indivíduo a claudicar perante si mesmo, a claudicar depois perante os outros, até personificar a próxima claudicação.

E quantas vezes tudo isso não foi feito apenas por um pedaço de pão que a vítima, logo transformada em



Em baixo: Como viajam os degredados. — Em cima: Beijo fraternal

rêu, não teve no momento preciso para saciar a sua fome!

A sociedade atual não se preocupa com os elementos preservativos; preocupa-se apenas com os elementos de punição.

Ai! quantos dêses 365 indivíduos que agora vão em demanda do degredo são vítimas e não réus, vítimas da falta de solidariedade humana, da falta de educação espiritual, vítimas do egoísmo burguês, vítimas indefezas da atual sociedade!]

Ferreira de Assis

INDUSTRIA SIDERURGICA

O aço, é, como se sabe uma modificação do ferro obtida por determinados processos. O certo é que os antigos já conheciam a maneira de obter o aço, e o seu uso foi feito mesmo pelo homem nas épocas anti-históricas. O estudo dos restos arqueológicos o demonstra exuberantemente. Da exploração deste metal falam os livros santos. Já Moisés dizia aos que o acompanhavam em busca da Terra da Promissão:

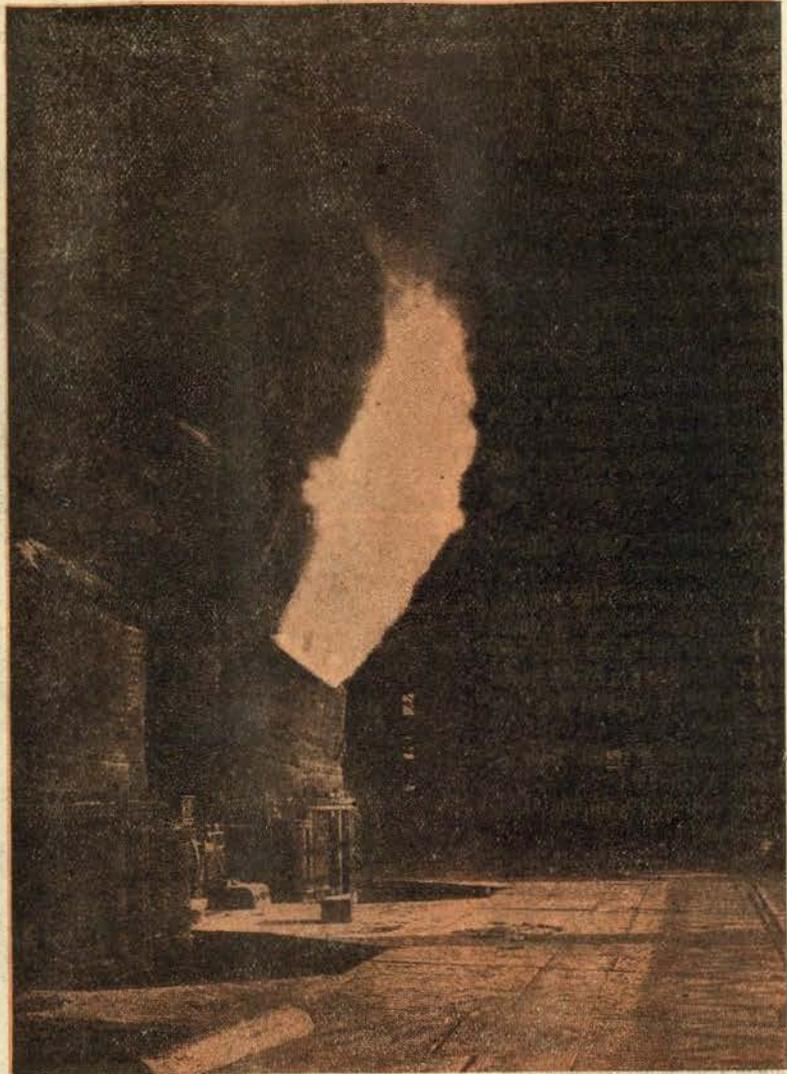
«Vêde ao longe esses países ditosos; tudo é bom e formoso entre eles; as pedras são de ferro».

Segundo alguns eruditos e estudiosos, na Índia começou a usar-se o aço e supõe-se que o fabricavam levando o ferro ao rubro várias vezes e mergulhando-o na água fria, operação que ainda hoje se verifica produzir uma certa aceração superficial.

O aço natural que se encontra também nalgumas minas, embora raro, foi também conhecido na mais remota antiguidade. De facto, os egípcios e os assírios conheciam perfeitamente este metal, de que fizeram uso uns 1000 anos antes de Cristo como se demonstra pelos fragmentos que existem no Museu Britânico. As inscrições dos monumentos egípcios parecem ter sido gravados com uso deste metal. Os gregos consideram o aço uma invenção nacional. Licurgo tinha em tanta estima este metal que o fez simbolizar a força e a fortuna. Da Grécia o aço passou para Roma, pois na mesma época os romanos empregavam esse metal na produção de ferramentas para a exploração das minas e de alfaías agrícolas. As armas dos legionários eram de ferro forjado e de aço.

Durante toda a Edade antiga e nos primeiros séculos da Edade média as praticas metalurgicas foram consideradas como infamantes. Eram os escravos e os povos submetidos que extraíam e forjavam os metais. Foi assim que os gaulezes e todos os povos celticos se iniciaram na arte da fabricação dos metais levando-a a um alto grau de perfeição. Na França, na Bélgica e noutros pontos da Europa ocidental tem-se encontrado massas enormes de escórias que demonstram quão activo e intenso foi o trabalho metalurgico durante a dominação romana. Os germanos na mesma época dedicaram-se também á extracção do ferro e fabrico do aço.

Nos tempos antigos, o aço mais celebrado foi o de Norica (Espanha) e foi ela que abasteceu quasi toda a Europa durante muito tempo. Depois do século XVI começaram a aparecer fabricas de aço na Inglaterra, na Alemanha e na Italia. Em 1604, Camus estabeleceu em Paris a primeira officina para o fabrico do aço. Nos séculos XVII e XVIII o aço era fabricado em França pelo seguinte processo: esfriava-se lentamente o ferro fundido até que ficasse com uma capa solida. Esta operação repetia-se varias vezes. A parte mais difficil do fabrico consistia em saber quando se deveria retirar do fogo na segunda fusão, pois se o metal se demorava no fogo mais tempo do que



Um alto forno em Buffalo (America do Norte)

o necessario, a massa ignea perdia as qualidades do aço. O aço fino foi descoberto em Inglaterra, em 1740, por um operario chamado Benjamin Huntsman. Foi, porém, Bessemer, 1855, quem introduziu na Europa a grande fabricação do aço por processos científicos. Ainda hoje o aço que se fabrica tem o seu nome.

Em conclusão: ter ou não ter o aço e o ferro é hoje uma questão de vida ou de morte para os grandes Estados. Os minerios de ferro, de carvão e de petroleo tem sido o motivo oculto das grandes guerras modernas. Elas serão ainda por infelicidade nossa o objecto de novas convulsões entre os Estados, trazendo a sangueira e a morte á humanidade inditosa.

Hoje o país que mais ferro produz é a America do Norte. Seguem-se-lhe a Inglaterra, a Alemanha, a França e a Belgica. Na Suecia ensaia-se a fabricação pelos altos fornos electricos movidos pela energia hidráulica.

Em Portugal não existe ainda indústria siderurgica. Os nossos minerios do Alentejo são exportados para Inglaterra.

O 9.º ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

A guerra era mais um martírio imposto à Rússia. Os sacrifícios exigidos eram cada vez maiores e os chicotes da tirania laceravam o povo, aumentando a velha opressão. As tentativas de Karensky tinham resultado infrutíferas. A revolta largos anos sufocada, estuara agora nas gargantas populares, como uma grande torrente contra um açude.

Raspoutine era um fantoche que as mãos regias animavam perante a angústia do povo.

Nos quartéis, as cornetas chamavam sempre mais escravos, para da-los em holocausto ao Tzar. E nas noites silentes faziam-se sortidas, assassinando-se às esquinas os suspeitos de rebeldes.

Entretanto, nos palácios sumptuosos iam-se realizando os últimos festins, entre um esplendor miliumanóitescos e um grande desdém por tudo que aos oprimidos dissesse respeito.

Um dia, porém, a torrente rompeu o açude e a revolta cacheou-se fortemente.

E uma bandeira revolucionária desfraldou-se sobre os destroços das velhas instituições. Foi em 7 de Novembro de 1917. Fez ha poucos dias nove anos.

Não queremos que esse aniversario passe sem algumas palavras da nossa parte.

Evidentemente que a actual situação russa não satisfaz aqueles que, como nós, amam a liberdade sem restrições e querem a desapareição das classes e não o predomínio de uma sobre outra.

Mas esse regime foi já um grande passo no caminho da emancipação. Criou um grande ambiente internacional para revoluções mais avançadas, para regimes mais perfeitos.

Sentindo esse ambiente, a burguezia universal encarinou-se em combater o regime nascente, bloqueando o povo russo, fechando-lhe suas comunicações com o resto do mundo, guerreando-o por intermedio desse sinistro e venal personagem que é Wrangel, procurando, enfim, destruir pela metralha e pela fome a população da Rússia. Com isto coincidia um período de más colheitas, que logo os inimigos do novo regime aproveitaram para atribuir a este aquele fenomeno da natureza, esquecendo-se de que em 1891 e noutras datas anteriores, o mesmo caso se tinha dado, embora a Rússia estivesse então sob o dominio tzarista... Mas, o mais curioso ainda é que, mostrando-se a burguezia universal indignada com os bolcheviques, a quem atribuíam a fome reinante na Rússia, sempre que se



A caminho da Sibéria
(Quadro de A. N. Tarochenko)



A célebre fortaleza «Pedro e Paulo»

tratou de salvar os famintos, os burguezes fecharam a sua bolsa e deixaram que o sabio Nausen percorresse o mundo quasi inutilmente, apesar das fotografias que ele apresentou e da conferência que fez no Trocadero de Paris, evidenciarem como e quanto era terrível o estado daqueles a quem faltava o pão.

E foi esse bloqueamento que o mundo fez à Rússia, que em parte obrigou esta a transigências que não estão de acordo com o proprio espirito da revolução.

Essas transigências levaram o regime a cristalizar e por vezes a recuar, quando o ideal seria que ele fosse progressivo, que ele marchasse sempre para uma perfeita solidariedade humana.

E é isso que nos faz discordar do estado actual da Rússia. Mas esta discordância significa que a actual situação da Rússia é pior do

que a antiga? De maneira alguma.

O Tzarismo esgotou todas as atrocidades possíveis e imagináveis, para que qualquer outro regime o possa igualar. Quanto a ultrapassar as barbaridades cometidas pelo tzarismo, isso é coisa inconcebível.

A Rússia chegou a ser durante muitos anos uma vergonha para a Europa civilizada, tantas e tão cruéis eram as perseguições, os assassinatos e as chacinas ali cometidas.

Alguém disse, e com verdade, que se todo o sangue derramado na Rússia durante os últimos cinquenta anos do tzarismo houvesse caído sobre as estepes, estas ficariam totalmente cobertas por um incomensurável tapete vermelho...

A Sibéria era a grande vala onde o poder russo sepultava vivos milhares e milhares de homens por ano — todos aqueles que não comunicavam com a opressão reinante. O próprio Dostoyvsky lá esteve, em longo suplício.

Nas prisões flagelavam-se, martirisavam-se, espartilhavam-se os rebeldes, e muitos inocentes pagaram com a vida intensões e actos que nunca tiveram. A Bastilha ficou muito aquém da fortaleza de São Pedro e São Paulo. A Santa Inquisição tinha muito que aprender na Rússia — ainda na Rússia do século XIX...

O assassinato estava perfeitamente legalizado, uma vez que fosse realizado pelos cossacos, pela policia, por todos os sclarados ao serviço do Tzar. Inventavam-se os mais extranhos martirios, tão ex-



Crianças duma região fustigada pela fome em 1891

tranhos que o celebre «Jardim dos Suplícios», de Mirbeau, apesar da grande fantasia de seu autor e da requintada crueldade dos orientais, era na Russia um livro ingenuo...

A heroica Maria Spiridonoff foi despida e seu corpo queimado em todas as partes com os charutos que os oficiais do exercito fumavam. Ana Smirnoff foi tambem despida, violentada por inumeros oficiais, açoitada em seguida e por fim entregue aos soldados, para que eles saciassem sua brutal sensualidade.

O verdadeiro sceptro do Tzar era um chicote. A farda era o simbolo do amo, o simbolo da escravidão.

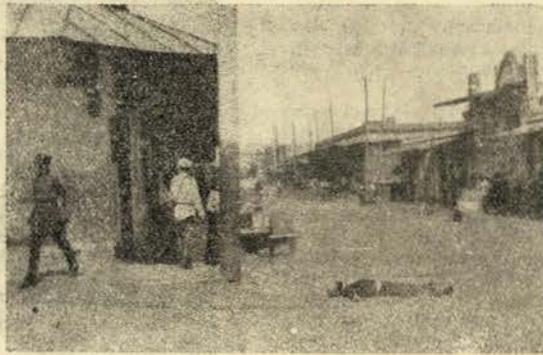
A liberdade era uma palavra vã! E ai daqueles que desejassem dar-lhe sentido!

Não era necessario que um homem revelasse a sua discordancia com a tirania dominante; bastava que suspeitassem dessa discordancia, para que ele tivesse uma bala a atravessar-lhe o coração ou as neves eternas da Sibéria para scenario de sua vida.

Os judeus não tinham direito de o ser: — a soldadesca assaltava-lhes as casas, roubavam-nos, massacravam-nos, seviciando-lhes as filhas

Tudo o que era feito pela policia ou pelos soldados ficava impune. E os oficiais do exercito, os grandes da corte, cnicos e cruéis, chancelavam e fomentavam essas atrocidades — graças ás quais era possivel a vida faustosa que levavam.

Não. Entre o regime actual e o tzarismo todo o confronto será favorável ao primeiro. Só os obsecados, os fieis da tirania, podem afirmar o contrário.



Uma scena familiar em Baku, nos tempos do «saudoso» tzar Nicolau



Scena dos «saudosos» tempos do tzarismo: — Uma casa judia depois do massacre.

CIRCUITO HIPICO

Meu presado amigo: Perguntas-me quem venceu a carreira bárbara através do país. E' fácil a resposta: foi o *Diário de Notícias*, primeiro; o automóvel *Overland*, que pretende encontrar comprador entusiasta, e o pobre cavalo do Tanganho, que chegou magro e derreado. Dos três, porém, o que merece o meu pensamento carinhoso é o animal. O cavalo do Tanganho foi o herói desinteressado, dessa corrida de interesses.

Sou, como sabes, um apaixonado pelo desporto. Mas os concursos hípicos, as corridas de automóveis e as touradas pouco me interessam. Amo os desportos clássicos, como os gregos antigos os praticavam. Amo os desportos que exercem sobre o corpo humano uma salutar influência, tornando-os mais esbelto, mais ágil, mais saudável. As corridas que endurecem os músculos e criam no nosso espírito o

hábito da energia e da perseverança; os lançamentos do disco ou do dardo que sujeitam o corpo às harmoniosas atitudes; os saltos que provocam a elegância do gesto e a destreza dos movimentos, êsses desportos que encerram também um ideal elevado de beleza e de arte seduzem-me e apaixonam-me. Porém, as corridas de cavalos são um atentado que os homens cometem contra a natureza dos animais; as corridas de automóveis vizam fins de réclamo comercial e as touradas constituem a barbaridade imperdoável que eu e tu tanta vez temos combatido.

Por isso, por pouco me interessarem as corridas de cavalos, só comecei a reparar e a seguir com atenção as fases do circuito hípico de Portugal quando notei que êle, sem poder furtar-se ao ambiente da nossa época, revestia uma das formas mais curiosas e extravagantes da luta de

UM RECLAME COMERCIAL QUE PÔE EM CONFRONTO A PSICOLOGIA DO MILITAR E A ALMA DO POVO.



José Tanganho e o seu cavalo 'Favorito'
(Clíchés Garcey)

classes que tão acesa vai por êsse mundo. Sim, meu bom amigo. No circuito hípico de Portugal lutaram os civis contra os militares.

Não notaste êsse estranho fenómeno? Se não o notaste, se a tua inteligência não refletiu sobre êste acontecimento, o teu instinto, entretanto, mais fiel às tuas convicções do que o teu raciocínio sentiu-o, visto que desejaste, como eu, o triunfo, do José Tanganho. O povo, o Zé Povinho que possui um instinto muito mais são do que tu, pobre *snoob* requintado pelos salões, sentiu que nessa luta entre o José Tanganho e o Rogério Tavares alguma cousa do seu próprio destino se jogava também. E desejou a vitória do José Tanganho, que era um civil, que era do povo.

Eu desejei, por minha vez, o triunfo do caldense, não porque me interessasse a corrida em si, mas porque me custaria suportar depois o

pêso da vaidade dêsses militarões que, após um êxito de hipismo, se julgariam aptos a governar o povo e transformar impunemente o país numa grande cocheira onde os paisanos seriam rebentados à chicotada como o foram os cavalos que nós pagámos com o nosso dinheiro.

Não tenho, meu caro, pelo José Tanganho outra consideração que não seja a que provém da sua psicologia de paisano. Não viste o cuidado, o carinho que, a-pesar-de tudo, êle dispensava à sua montada? Ele se quizesse também poderia ter chegado primeiro a Lisboa; bastaria que, à semelhança do capitão Rogério, a tivesse forçado a correr à sobreposse. Mas não, meu amigo, preferiu vir a pé de Sacavem até Lisboa. Chegou à meta depois do outro? Que lhe importava? Mas não obrigou o cavalo a fazer o que em suas forças não cabia. Ele próprio o declarou: «Não tinha o direito de matar o cavalo». Esta atitude forma um flagrante contraste com a do militar. Este martirizou o animal, permitiu que pelo caminho o picassem; pela dor, pela barbaridade, pela tortura obrigou o pobre quadrúpede muribundo a palmilhar léguas. Tanto assim, que mal terminaram os pratos inquisitoriais a que o submeteram, o animal tombou para não mais se levantar. A barbaridade, o desprêso pela dôr alheia, a dureza do coração fazem parte da psicologia do militar profissional. O sentimentalismo que é o forte do paisano, que é a honra do que não veste farda, é para os militarões uma fraqueza e uma vergonha. O ideal do paisano é a bondade, o do militar é a severidade. Nós queremos ser humanos, êles, os da tropa, querem ser feras.

O povo não sabe estas cousas por teoria, mas adivinha-as por instinto. Foi êste belo instinto que o levou a olhar com simpatia — inda o circuito ia em meio — a figura rude do Tanganho desejando-lhe a vitória. Foi o pressentimento destas verdades que venho de dizer-te que te criou a vontade de ver o Tanganho vencedor.

Convém, entretando, meu prezado amigo, não nos deixarmos arrastar às cegas pelo entusiasmo. Não punhamos o José Tanganho nos chifres da lua. Ele, se tem amor aos cavalos, não é, crê, por determinação expressa do seu raciocínio que em filosofias deve ser escasso e pobre. E' porque a sua profissão assim o manda. Tanganho é, segundo me informam, um hábil tratador de cavalos. Há muitos anos que lida com esta espécie de animais. O trato criou-lhe o amor. O homem que apura raças de pássaros, ama os pássaros; o que trata de papagaios, ama os papagaios; o que possui cães, ama os cães. Nunca reparaste que a tua mulher não tem coragem de matar e comer as galinhas que tem lá no quintal? Entretanto, corta o pescoço e come de fricassé os galináceos que compra na Praça da Figueira. O Tanganho, por muito lidar com cavalos, não tem coragem de maltratá-los,

mas o seu sentimentalismo, o seu bom coração desaparecem numa corrida de touros. Estes, coitados, que sentem tanto a dor e o martírio como os pobres cavalos, são picados por êle com indiferença senão com rancor. E, a-final, os animais devem merecer, todos sem excepção, a mesma compaixão ao homem superior que sabe sentir e raciocinar.

Já vês, meu caro, que não morro de amores pelo Tanganho. Ele para mim valeu apenas como simpático símbolo de uma classe. Ele era o povo em luta contra o espírito brutal e conservador do militar que, mesmo numa simples corrida bárbara, pretendia mostrar a sua pretendida superioridade. O militarismo, não tenhas a menor dúvida, deixou-se vencer mais uma vez. Quis dominar o povo em 18 de Abril — e foi vencido. Desejou desferrar-se em 19 de Julho — sofreu maior derrota Espumando de raiva já se contentava com o efêmero triunfo de uma simples corrida de cavalos — e foi batido.

Agora, meu amigo, só resta vencê-lo, durante estas longas noutes de inverno, em pacientes e inofensivas partidas de *bisca*. E neste caso, tu que és mestre, podes trazer à causa do povo a vitória definitiva.

Teu amigo

Mário Domingues

UM COLOSSAL RECLAME

Por ocasião da recente Exposição de Artes Decorativas, realizada em Paris, o conhecido industrial André Citroën montou na Torre Eiffel um reclame luminoso que bate todos os *records* de propaganda até hoje alcançados. Esse colossal reclame, visível à distância de quarenta quilómetros, constava pouco mais ou menos no seguinte:

Durante a noite, e graças a um perfectíssimo trabalho de engenharia, aparecia, primeiro, o contôrno da Torre, debuxado por milhares de lâmpadas; depois, surgiam caprichosas serpentes luminosas que, torcendo-se em caprichosas volutas formavam por fim, em letras de trinta metros de altura, o nome de Citroën. No cimo da Torre, intensas chamas se erguiam, iluminando dois enormes escudos azuis e roxos, com a inscrição 1889-1925, suspensos entre o primeiro e o segundo andares, e que se transformavam no escudo da célebre marca industrial. Esse escudo media nada menos de quarenta metros de altura.

A iluminação durava uns quarenta segundos; depois, desaparecia a Torre e o seu feérico anúncio por igual espaço de tempo, reaparecendo novamente e novamente se apagando. Isto durante toda a noite.

Foi preciso montar junto da Torre um transformador de corrente de 12000 volts, e uma central com motores de 1300 H. P., que a transforma, transmitindo-a à cabine de distribuição por 96 cabos que pesavam 45 toneladas; 600.000 fios, num comprimento total de 168.000 metros, formavam o conjunto da fantástica iluminação.

O POVO SOBERANO...

(APONTAMENTOS DAS ÚLTIMAS ELEIÇÕES EM LISBOA)

Naquela manhã de Novembro borrascosa e triste, Sua Magestade acordou cedo. Recomendou à sua Felisberta, rainha *in partibus*, que lhe aprontasse o cafézinho bem quente, vestiu o fato domingueiro, que ir com a andaina de cotim parecia mal, e enquanto gualdia a agua negra com travo a fumo e tasquinha o pão que a Moagem amassa com tipo do «Diário de Notícias», ia pensando nas probabilidades de exito da sua lista, uma das muitas que recebera nos últimos dias pomposamente sobrescritadas: Ex.^{mo} Sr. Anastácio do O'.

E, manducando, rosnava:

— Vão falar as urnas... vamos a vêr se isto se endireita...

D. Felisberta, alcachinada e mouca, regongou:

— Vais falar ao indireita?... Isto porque o soberano ha tempo que andava a modos de espinhela caída, um pouco atacado no nervoso.

— Quais direitas?!... As esquerdas, as esquerdas é que hão de vencer! O país está com-nosco e a hora é das esquerdas, como dizia ha dias o José Domingues dos Santos.

D. Felisberta percebeu mal e retorquiu sceptica:

— Sim, lá isso é verdade; «pelos domingos se tiram os dias santos...»

O soberano ardendo em puro civismo logo ali jurou pelos estatutos da Associação do Re-

gisto Civil, que se algum dia fosse qualquer coisa nesta terra, não era com o seu voto que as mulheres teriam o direito de votar.

*
*

Aproximava-se a hora de Sua Magestade ir exercer a sua soberania. Solemne, grave, o cidadão Anastácio do O' subiu para a rua, porque o soberano tinha os seus paços numa cave, a dez metros de profundidade.

Surpreza, indignação, raiva. Uma chuva morrinhenta, da chamada de «molha-tólos», impedia o nosso patriota de ir «cumprir o dever cívico». Ser soberano é bom, mas é preciso ter ao menos... um guarda-chuva. Nêsse momento D. Anastácio do O' «o bom-republicano», como o outro rei da tragédia, deveria ter dito com os seus mais íntimos botões:

— Dava bem a minha soberania por uma capa de borracha!

Na impossibilidade de haver êsses trastes' que a sua lista-civil era fraca, Sua Magestade resignou-se. Deu uma corrida até à taberna da esquina e ao beber o copinho da «rija» ia pensando:— vou á segunda chamada. E para ali ficou a beber copinhos e a fazer conjecturas.

A's tantas lembrou-se de que era soberano. Deviam estar a fazer a segunda chamada. A chuva, porém, caía, torrencial.

— Raio de tempo!— grunhiu Sua Magestade, vindo à porta da tasca. E voltou para dentro resmungando:

— Deixá-lo. Fico para as duas horas de espera.

E ficou; mais copinhos, mais laracha e a chuva a cair.

Nisto entra na taberna um mancebo de capote à alemtejana, que num ímpeto se dirige ao soberano, como quem lhe queria bater:

— Então?!... Fartos lá de berrar por você e você para aqui a embebedar-se! E era você dos que mais falavam antes das eleições... Anda para aqui uma pessoa a incommodar-se, à chuva, à pro-



A secção do voto da freguezia de St.^a Isabel, instalada na Escola-Machado de Castro depois da visita dos passageiros da camionete fantasma que assaltou as urnas

cura dêstes senhores! Vá lá para a Junta votar, que já não á sem tempo! seu...!

Chicoteado pelo insulto, o soberano arrancou como numa subida. Ainda deitou um olhar cubitoso para o rico capote do outro, mas, conscio da sua soberania, abaixou a cabeça, encolheu-se, virou a gola do casaco — o manto real — para cima e lá foi, fustigado pela chuva, contra as paredes, fugindo das goteiras, imponente como um rei.

Já não chovia quando o soberano chegou ao pardieiro, onde tinha a sua séde a Junta. Num cacifo sórdido, viam-se ao centro dois vasos de folha, em volta dos quais outros soberanos, como cidadão Anastácio, cochichavam. Sentados, cinco patriotas tinham o ar solemne de quem está pescando à linha.

Sua Magestade declinou o seu nome: António do O', travando-se então o seguinte dialogo entre a mesa e o eleitor:

— Anastácio de quê?

— Do O'.

— No O' não está.

— Deve ser no—Anastácio...

— Mas então é do O' ou do A'?

— Do O'!

— Já disse que não está. E' porque o riscaram!

Então o presidente, formalizado, conciliador, pondo termo à discussão:

— Nem no O' nem no A'? Ora bem! mas veja no N — Nastacio...

Por fim lá encontraram o nome do soberano, depois de alguém rosnar ao ouvido dum secretário, que ele «era dos nossos».

E Anastácio do O', como um levita na consagração, entregou nas pontas dos dedos duas

listas, duas hóstias imaculadas, onde os nomes dos seus donos se encontravam tam real e perfeitamente, com todas as letras e apelidos, como estão no Diário do Governo que os nomeou para os chorudos logares publicos.

Sua Magestade estava implicitamente despojada da sua soberania. Durante quatro anos, pelo menos, não voltaria a reinar — reinariam eles, os outros que êle acabava de nomear e que mal conhecia.

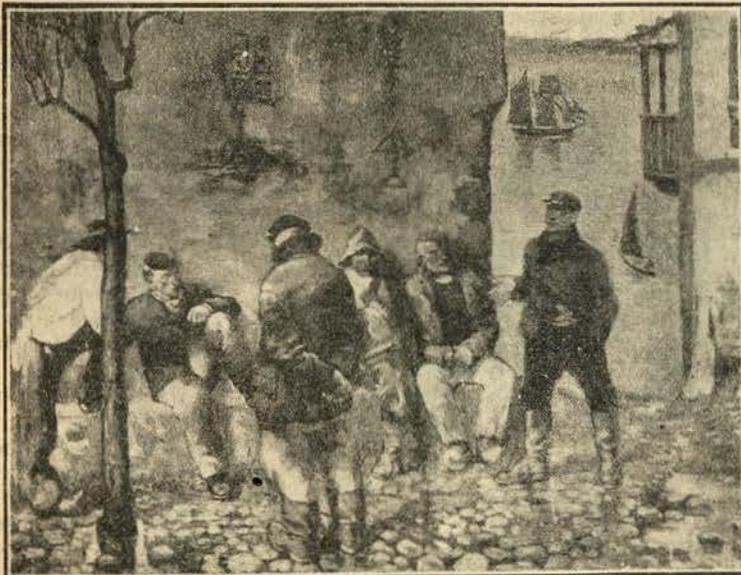
A' saída, porém, um compadre meteu-lhe na mão mais duas listas e mandou-o ir à secção seguinte votar em nome dum José António qualquer, que tinha morrido havia vinte anos. E cidadão Anastácio foi, tanto lhe era grato exercer a soberania.

Quando depois deu balanço aos papeis que tinha nos bolsos, verificou que as listas que entregára no acto de votar não eram aquelas que tinha uma cruz, as suas, as do seu partido, as das esquerdas, eram precisamente as do outro partido, as das direitas. A precipitação e o simples facto de não saber ler tinham originado a troca.

O soberano deposto, desculpou-se filosofando:

— Ora... são todos o mesmo!

Quando, depois do escrutinio, no momento em que o Presidente da Mesa, emborcando dois decilitros de carrascão, que um correlegionário lhe oferecia, gritava para os poucos assistentes: — estou derreado! entrou na sala um grupo de policias, para rasgar as listas, «assaltar as urnas» como se diz em gíria eleicoeira — cidadão Anastácio ficou radiante. Surgia a possibilidade de voltar a exercer a sua soberania e de desfazer então o engano. E voltou para a taberna, a fantasiar a desforra.



A ARTE E O POVO

GENTE DO MAR
quadro do pintor galego
Suarez Couto, recente-
mente exposto no Cen-
tro de Galicia, em Ma-
drid.

O MUNDO CURIOSO

O uso da colher

O uso da colher perde-se na noite dos tempos, tendo a sua forma variado pouquissimo desde o começo da civilização.

Dos tempos pre-historicos encontraram-se já nas pe-lafitas da Suissa algumas escudelas de madeira, com cabo, que bem podem ser consideradas como colheres. Também se acharam no periodo neolitico colheres de barro redondas ou ovaladas, com cabo curto, em forma de lingueta ás vezes arqueada ou com cabo comprido e pontegudo ou terminando em rectangulo. Desta forma se descobriram na segunda cidade de Troya e em Chypre procedentes da idade de cobre.

Na antiguidade classica fizeram-se colheres de pedra, madeira, osso, marfim, toda a qualidade de metaes e até de vidro. As suas dimensões variavam segundo os usos, havendo-as tão pequenas como as que actualmente se usam nos saleiros e pimenteiros.

No Egipto encontram-se colheres com cabos da forma mais variada: uns redondos, outros rectos e alargados, com uma vara transversal formando cruz, perto da caçoleta, e outros esculpidos figurando um peixe, um quadrupe deitado, uma divindade ou uma cabeça de Isis.

As colheres gregas, tinham menos variedade quer em forma quer em ornamentação. As romanas tinham uma forma especial: o cabo, na sua união com a pá, estava encurvado em semi-circulo, para continuar depois recto, o extremo da pá era também mais amplo se é que a pá não era redonda.

As colheres da Edade Media não diferiam essencialmente das usadas na antiguidade, ainda que nos anteriores ao seculo XVI predominavam as de pá redonda que se alargava depois, fazendo-se o cabo mais curto. A maioria dessas colheres eram de prata, havendo-as também de ouro, bronze, estanho, madeira, chavelho, vidro, serpentina e corol.

Actualmente fabricam-se de variadissimos materiais e acessíveis a toda a gente por mais pobre que seja, muito ao contrario dos tempos idos e dos seculos de servidão em que o escravo e o servo tinham de comer com os dedos e sorver os liquidos conforme podiam, em piores condições que as do homem primitivo.

A acção da luz no desenvolvimento dos germens

Investigações de um veterinário francês levaram à conclusão de que a luz branca tem sobre os ovos de galinha em incubação influencia bastante activa e desfavorável à evolução do gérmen.

Se a luz age sobre o ovo durante pouco tempo e só no principio da incubação, a sua acção provoca apenas um simples atrazo na evolução; mas se a exposição é prolongada, o embrião toma uma conformação anormal, fica incompleto, rudimentar e muitas vezes morre.

Deve pois classificar-se a luz entre as forças que modificam o desenvolvimento dos germens e considerá-la como um agente teratogénico, isto é, capaz de produzir formas monstruosas e fenómenos.

Os bens dos Habsburgos

O imperador Carlos IV da Áustria-Hungria, rei de opereta que um destino triste redimiu do ridículo, até elevá-lo à consideração que merecem todos os infelizes, todos aqueles que uma fatalidade persegue, morreu como se sabe na Madeira, há pouco mais de três anos. E morre pobre, se não nessa pobreza que se traduz pela falta

do essencial para viver, pelo menos nessa miséria dou-rada que donativos, que não passam de humildantes es-molas, sustentam.

E, no entanto, mesmo sem ascender a esse tronco cambaleante em que mal chegou a sentar-se, o último Habsburgo coroado teria sido poderoso senhor. O destino que lhe colocou, inesperadamente, a dupla corôa de imperador e rei na cabeça atontada, quiz que ele morresse pobre e exilado.

Agora, acabam de ser avaliados os seus bens territoriais, hoje incorporados na florescente república da Tche-co-Eslováquia. E essas imensas propriedades abrangem uma superficie de 161.183 hectares, dos quais 110.328 são bosques.

Em virtude do Tratado de Paz, estes bens foram confiscados sem compensação; não obstante, a Comissão das Reparações procedeu à sua avaliação a-fim-de de averbar no activo da Austria, ou da Huugria, a soma estabelecida pela Comissão, a qual será, por sua vez, levada para o débito da Tche-co-Eslováquia.

Uma avó de 28 anos

Deve ser uma das mais novas avós do Mundo, senão a mais nova, essa que segundo informa o *Petit Parisien*, existe em Betz-le-Chateau (Indre-et-Loire).

É uma familia que abrange quatro gerações e a mais idosa pessoa que dela faz parte, a bisavó, com quarenta e seis anos apenas!

A mais nova representante dessa familia nasceu em 9 de Setembro deste ano. Sua mãe, que casou em Novembro de 1924, tem actualmente 16 anos e quatro meses, pois nasceu em Junho de 1909. A avó nasceu em 20 de Fevereiro de 1897, contando portanto 28 anos. En-fim, a bisavó nasceu em Abril de 1879.

Atendendo a que na familia ha uma tia de um dos avós que completou já cem anos, calcule-se quantas gerações, a continuar assim, terá na sua frente a jovem avó de 28 anos, quando contar a bonita idade da sua remota ascendente.

Um ovo é uma pilha eléctrica

O engenheiro norte-americano E. F. Northrup descobriu, no decorrer das suas pesquisas sobre as causas da produção de electricidade pelos animais, uma curiosa propriedade do ovo. Tentando medir a resistência eléctrica do ovo fresco, por meio de dois eletrodos cilindricos, introduzidos no interior da casca, Northrup constatou, com efeito, que o ovo era o centro de uma força eletromotora, equivalente a um «milivolt».

Noutras experiências, a clara de ovo, submetida a uma diferença de potencial, demonstrou que a albumina gerava uma força contra electromotora de polarização. O ovo é uma pilha eléctrica em miniatura.

Em demanda do Polo

Vai a caminho do Polo Sul o navio *Discovery*, que foi construido expressamente para a primeira viagem de Scott ao Polo Norte.

O *Discovery* tocará no Cabo da Boa Esperança, onde fará escala, seguindo dali directamente para a Geórgia do Sul, onde os expedicionários visitarão o túmulo de Schackleton, um dos muitos que o sonho nevado e álgido da conquista do Polo vitimou.

Dirige a expedição o comandante Stockhouse e quinze sábios ingleses de diferentes ramos da Sciência nela tomam parte.

O *Discovery* tem laboratórios e material para toda a espécie de investigações scientificas. A expedição deve durar uns dois anos.

As audições poeticas de Berta Singerman

A arte da declamação do verso nos últimos tempos espalhou, semeou e cristalizou por toda a América latina uma legião numerosa de dezenas e dezenas de cultoras. É uma fascinação que se agita revolucionariamente do México à Argentina, do Chile ao Brasil. Entre todas, se sobreleva e levanta Berta Singerman, que Lisboa acaba de admirar e aplaudir em cinco recitais de arte.

Berta Singerman bem se pode afirmar um temperamento de grande realce artístico, pela maneira como consegue metamorfosear, interpretar e declamar as rimas, fazendo delas bocados materiais de expressão, fragmentos exteriorisadores de sentimentalidade, poemets evidenciadores de belezas e reconditas palpações estéticas. Eslava no pensamento, argentina na interpretação, deve ao filigranado e à fluidez da voz, rica de cambiantes, abundante de tons, o poder de emoção, a quantidade de vibratilidade que prende o auditório, empolgando-o e arrastando-o no dinamismo da sua força potencial. A essa voz, límpida, multiforme, adaptável às várias sensações e aos mais antagónicos sentimentos, se conjugam e se associam os recursos notáveis e valiosos do movimento facial, dos gestos e das atitudes plásticas.

A arte da declamação é uma arte criadora quando é cultivada por artistas da estirpe forte de Berta Singerman. E Berta tem nas composições poeticas que constituem o seu reportório criações duma felicíssima organização e dum acentuado fundo de estudo dramático. Possui qualidades de comediante, traços vincados de trágica, facultades incontestáveis de actriz. Percorre toda a gama opulenta, extensa e ondulada de expressões e sensações, desde a ingénua à romantica, desde a evocação heroica à exaltação épica.

Num caudal inexaurível de musicalidade e poder de realização, perpassam quadros de lágrimas e pranto, aguarelas de visões sentimentais ou de galas alegres, mensagens de júbilo, amor e paixão, gorjeios de pássaros, trinados de rouxinóis, ressonância de clarins e tinir de espadas, marulhos das ondas do mar e frémitos das ondas de felicidade, e tudo nos encanta, nos delicia, nos faz vibrar e elevar acima de nós mesmos. E a todos os poetas, europeus e americanos, clássicos e românticos, dá interpretação justa, consoladora e profundamente bela.

Missão de maravilha e de espiritual significado esta de difundir, revelar e disseminar os mais mimosos, vibrantes e turgidos tesouros da Poesia de todo o mundo — excepto, claro está, da poesia social e revolucionaria...

Não está o publico português habituado e adaptado a espectáculos desta ordem, a recitais desta natureza. Três horas de audição de versos resultariam monótonas, apagadas, sem interesse, se Berta Singerman não encarnasse e reúne o próprio Génio da Poesia. Eram os poetas, os liristas, os filósofos, os sonhadores, a falar pela sua voz — fio de ouro que nasce nas vertentes duma garganta fina, que desagua na boca — oceano de efluvios e de extasis — que transborda dos lábios e que sobe no ar, volatilizando-se em ritmo, em cor, em forma e em beleza.

Atinge as mais elevadas e mais completas gradações da sentimentalidade; ri e chora, canta e soluça, impreca e cicia, implora e sorri.

E no espaço dormente e entontecido, volem estros de poetas, espiritos que teem enchido a Humanidade com o coro dos seus lamentos e a apoteose dos seus pensamentos. E vivem Ruben Dairo e Assuncion Silva, Klingror e Carlos Sabaty, Edgar Põe e Campoamor, Olavo Bilac e Vicente de Carvalho, Guerra Junqueiro e Afonso Lopes Vieira.



Berta Singerman

E vão da ressonância estridente dos clarins ao clamor vivo das trombetas de guerra, no «Marche triunfal», à doçura inefável e à alegria amorosa dum «Noturno».

E vai da frescura infantil e da graciosidade simples do «Soldadito de plomo» à maviosidade cantante e ao fulgor radiante de «Quien supiera escribir».

E vai do entusiasmo lírico e da pujança de sentimento da «alegría del mar» à movimentação monatópica e ao colorido intenso da «Danza del Viento».

E vai do primeiro verso à ultima rima, por entre o avanço do entusiasmo e o encher da vida de aplausos...

Algumas vezes vêm a proposito dar conselhos a um auctor. Eu queria que isso se fizesse sempre de maneira que este tivesse de preferencia rasão para se felicitar, que para lamentar-se da nossa critica.

LEIBNITZ.

Não basta lêr a **Renovação**. E' preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de paginas sem alteração de preço.

Publicações recebidas

Recebemos e agradecemos:

Mais vale andar no mar alto... por Norberto Lopes — Impressões de um jornalista do périplo de Africa — A Ilha dos Bordados. — A tristeza e o abandono de S. Vicente. — Tartarin na Guiné. — A Ilha Encantada do Principe. — O encanto do Zaire. — Os degredados de Loanda. — Uma cidade sem alma. — Como se ama no Cabo da Boa Esperança. — A lenda de Sofala. — A Africa heroica e lendaria. — A alma portuguesa sobrevive em Zanzibar. — Os peregrinos de santo sepulcro. — A melancolia de Jerusalem. — As ruínas de Cartago. — Dá cá Lisboa! Edição da *Renascença Gráfica* — R. Luz Soriano, 48 — Lisboa.

A Fé e a Ciencia. Nós os brasileiros. Discursos por J. M. Cardoso de Oliveira. Trabalhos do embaixador do Brasil em Portugal, quando da reunião do Congresso para o Progresso das Sciencias, em 14 e 19 de Junho de 1925, em Coimbra. — Edição Aillaud & Bertrand — Lisboa.

La Revista Blanca. — O ultimo número desta excelente revista anarquista de Barcelona encontra-se á venda na administração da *Renovação*.

Ansi chantail un «en dehors» por E. Armand. — O conhecido anarquista — individualista francês reúne neste volume de cerca de 200 páginas varias produções suas em prosa e em verso. Vai na 4.^a edição Publicação de *Pen dehors*.

A Carranca da Paz, comentario leve da grande guerra por Agostinho Campos. Vol. de 310 paginas. Na capa, desenho de Raul Lino — Livraria Aillaud & Bertrand. Os editores apresentam este livro como um «comentario irónico, e portanto sereno, destes últimos dez anos profundamente históricos, anos de guerra em tempo de paz, ou de paz em tempo de guerra. Crónica do suicidio do Ocidente, na Europa desumida e desarmada em face da Ásia e da Africa. Páginas onde se vislumbra como as classes dirigentes abdicam desmoralizadas, conservando a ilusão do poder e como o povo tanto caminha para a ruína e para a morte, impellido pela ilusão da felicidade».

A acção dissolvente das touradas por D. Victoria Pais Freire de Andrade. Trata-se da publicação em folheto da notável conferencia desta distintissima professora na Associação dos Empregados do Comercio e reproduzida no *Suplemento semanal de A Batalha*. Este folheto de 24 pg. é editado a expensas de varias colectividades operarias e de instrução, e é de distribuição gratuita.

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem á vida operaria, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comícios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, sindicatos, cooperativas operarias etc... etc...

Acontecimento editorial

Almanaque de A BATALHA

Para 1926

É posto á venda entre os dias 10 e 20 do proximo mês de Dezembro o *Almanaque de A Batalha para 1926*.

Forma um volume de 160 paginas e contem, alem de de muitos retratos e fotografuras de acontecimentos, a seguinte materia:

O almanaque do ano. — Indicações uteis. — Resumo diário dos factos notaveis da vida operaria portuguesa — Os grandes acontecimentos mundiais. — Mifitantes e propagandistas mortos. — Organização sindicalista. — Legislação operaria. — Endereços dos organismos operarios nacionais. — Ameniidade scientifica, filosofica, artistica e revolucionaria.

Preço do Almanaque de A BATALHA para 1926

Cinco Escudos

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cda mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a cores, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA